



Férias coletivas, redução de investimentos, queda de produção, demissões, menos encomendas

Economia se prepara para 'janeiro negro'

LAURO JARDIM

Recado mais claro à sociedade é impossível: na mesa do gabinete do Secretário de Política Econômica do Ministério da Economia, Antônio Kandir, repousa um calendário para 1991 no qual o mês de janeiro está assinalado com um significativo R, de recessão — a arma com que o Governo está jogando suas fichas para bombardear a inflação. Ou seja, o "janeiro negro" não é apenas uma ameaça e os empresários já sabem disso. Eles dizem que durante 1990 as empresas já fizeram alguns ajustes vitais para garantir sua sobrevivência e que o nível da atividade econômica deste fim de ano é o prenúncio de um início de ano difícil, recomendando austeridade a todos.

As vendas da indústria para o comércio na primeira quinzena de novembro se reduziram 50% em comparação com igual período do ano passado, segundo a última estimativa da Fiesp. Outro indicador preocupante é o aumento de 96% em outubro no número de títulos protestados na cidade de São Paulo em relação ao mês anterior.

Entre os empresários, as estratégias que despontam com mais força para enfrentar a recessão estão a concessão de férias coletivas, um novo esforço para enxugar custos, uma reavaliação nos investimentos para 1991 e a diminuição da produção. Alguns falam em inevitáveis demissões, embora digam que não seja a hora de admitir isso em público. A maioria acredita na continuação da tendência de queda nas vendas, mas prefere não dar números.

As encomendas para o mês de janeiro, por enquanto, não são nada animadoras para as indústrias. No começo do mês, o Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Roberto Lima Netto, se dizia preocupado com o nível de capacidade ociosa com que a empresa deve operar em janeiro, devido à queda dos pedidos registrados em carteira. O Diretor Comercial da Cisper, Dimas Nazari, observa que janeiro normalmente é um mês muito fraco, com uma produção 70% menor que a do fim do ano, mas que para 1991 "excepcionalmente não há perspectivas".

— Já eram para estar sendo feitas as encomendas para o primeiro trimestre, mas não estão sendo — diz Nazari, sem, no entanto, se mostrar muito pessimista — Já passamos por vários planos econômicos.

Há empresas que não conseguem nem imaginar um janeiro pior que o momento atual. É o caso da União Fabril Exportadora (UFE), uma das 15 maiores empresas do setor de higiene e limpeza do País. Esta semana, as oito linhas de produção de seu carro-chefe — o sabão em pedra — simplesmente pararam de funcionar por absoluta falta de pedidos. O Diretor de Marketing, Gilberto Rabello, chega a mostrar no pátio da UFE um encalhe de 1,5 tonelada de sabão já empacotado à espera de compradores. E não é um problema isolado: o Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, confirma que, no momento, é considerável o número de "cancelamentos e devoluções de pedidos por parte do comércio". Com ar grave, o Diretor da UFE diz que "a recessão está ficando grande demais".

— Os clientes que encomendavam duas mil caixas estão ficando apenas com cem. Ainda não estou pensando em janeiro, meu problema é pensar no que está acontencendo agora. Se o primeiro trimestre de 1991 for de mais recessão todo mundo quebra. Nós inclusive — prevê Rabello, acrescentando que este mês está demitindo 20% dos cerca de dois mil empregados da UFE. E avisa que será forçado a continuar mandando embora se a situação piorar, apesar dos esforços que têm feito para manter o quadro de funcionários.

Menos pessimista, o Diretor de Marketing da Inega, Roberto Levacov, acha que a recessão não acabará com o País, mas com a inflação, como quer o Governo. Para ele, a condução da política econômica está correta e apostava que "quem continuar vivo, vai explodir no mercado quando a situação virar". Levacov, acha que sua empresa não vai precisar diminuir o ritmo das atividades no primeiro trimestre de 1991. Para isso, pretende aumentar o volume de exportações da empresa para 20% das três milhões de peças produzidas mensalmente — hoje este número não passa dos 5% e que há um ano chegava a 40%.



Foto de Marcelo Carnaval

Gilberto Rabello, da União Fabril Exportadora, teme a continuidade da acumulação de estoques no ano que vem

120